

UMA SAGA SOBRE CHURCHILL,
FAMÍLIA E RESISTÊNCIA

○
ESPLÊNDIDO
E O
VIL

ERIK LARSON

TRADUÇÃO DE ROGERIO W. GALINDO
E ROSIANE CORREIA DE FREITAS



Copyright © 2020 by Erik Larson

TÍTULO ORIGINAL

The Splendid and the Vile

PREPARAÇÃO

Anna Beatriz Seilhe

Isabella Pacheco

João Sette Câmara

REVISÃO

Eduardo Carneiro

Wendell Setubal

REVISÃO TÉCNICA

Antenor Savoldi Jr.

REVISÃO DE E-BOOK

Cristiane Pacanowski | Pipa Conteúdos Editoriais

Laura Zúñiga | Zúñiga Consultoria Textual

Manuela Brandão

GERAÇÃO DE E-BOOK

Joana De Conti

E-ISBN

978-65-5560-091-9

Edição digital: 2020

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

SUMÁRIO

[Avançar para o início do texto]

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Epígrafe

Uma nota para os leitores

Mapa

Expectativas sombrias

PARTE I: A ameaça crescente

Capítulo 1: A partida do Legista

Capítulo 2: Uma noite no Savoy

Capítulo 3: Londres e Washington

Capítulo 4: Energizado

Capítulo 5: Medo da lua

Capítulo 6: Göring

Capítulo 7: Alegria suficiente

Capítulo 8: As primeiras bombas

Capítulo 9: Imagem espelhada

Capítulo 10: Aparição

PARTE II: Uma certa eventualidade

Capítulo 11: O mistério do Castelo do Cisne

Capítulo 12: Os fantasmas dos chatos
Capítulo 13: Escarificação
Capítulo 14: “Este jogo estranho e mortal”
Capítulo 15: Londres e Berlim
Capítulo 16: O alerta vermelho
Capítulo 17: “*Tofrek!*”
Capítulo 18: Renúncia nº 1
Capítulo 19: Força H
Capítulo 20: Berlim
Capítulo 21: Champanhe e Garbo
Capítulo 22: Caímos tanto assim?
Capítulo 23: O que há em um nome?
Capítulo 24: O apelo do tirano
Capítulo 25: A surpresa do Prof.
Capítulo 26: Luvas brancas ao amanhecer
Capítulo 27: Diretriz nº 17
Capítulo 28: “Oh, lua, linda lua”

PARTE III: Medo

Capítulo 29: Dia da Águia
Capítulo 30: Perplexidade
Capítulo 31: Göring
Capítulo 32: O bombardeiro no pasto
Capítulo 33: Berlim
Capítulo 34: “Ol’ Man River”
Capítulo 35: Berlim
Capítulo 36: Hora do chá
Capítulo 37: Os bombardeiros perdidos
Capítulo 38: Berlim
Capítulo 39: “Ah, a juventude!”
Capítulo 40: Berlim e Washington

Capítulo 41: Ele está vindo
Capítulo 42: Ações sinistras
Capítulo 43: Cap Blanc-Nez

PARTE IV: Sangue e poeira

Capítulo 44: Em um tranquilo dia de céu azul
Capítulo 45: Mágica imprevisível
Capítulo 46: Sono
Capítulo 47: Reclusão
Capítulo 48: Berlim
Capítulo 49: Medo
Capítulo 50: Hess
Capítulo 51: Refúgio
Capítulo 52: Berlim
Capítulo 53: Churchill na mira
Capítulo 54: Pródigo
Capítulo 55: Washington e Berlim
Capítulo 56: O discurso do sapo
Capítulo 57: O ovipositor
Capítulo 58: Nossa Fonte Especial
Capítulo 59: Um adeus em Coventry
Capítulo 60: Distração
Capítulo 61: Entrega especial
Capítulo 62: Diretrizes
Capítulo 63: Aquela tola e velha etiqueta de preço
Capítulo 64: Um Sapo no portão
Capítulo 65: *Weihnachten*
Capítulo 66: Rumores
Capítulo 67: Natal
Capítulo 68: Galinha Poedeira
Capítulo 69: “Auld Lang Syne”

PARTE V: Os americanos

Capítulo 70: Segredos

Capítulo 71: O especial das onze e meia

Capítulo 72: Para Scapa Flow

Capítulo 73: “Aonde tu fores”

Capítulo 74: Diretriz nº 23

Capítulo 75: A violência iminente

Capítulo 76: Londres, Washington e Berlim

Capítulo 77: Sábado à noite

Capítulo 78: O homem alto e sorridente

Capítulo 79: Snakehips

Capítulo 80: Quadrilha de baioneta

Capítulo 81: O jogador

Capítulo 82: Um agrado para Clementine

Capítulo 83: Homens

PARTE VI: Amor em meio às chamas

Capítulo 84: Graves notícias

Capítulo 85: Escárnio

Capítulo 86: Aquela noite no Dorchester

Capítulo 87: Os penhascos brancos

Capítulo 88: Berlim

Capítulo 89: “Este vale carrancudo”

Capítulo 90: Melancolia

Capítulo 91: Eric

Capítulo 92: *Le coeur dit*

Capítulo 93: Sobre tanques e flores

Capítulo 94: *Le coeur encore*

Capítulo 95: A lua nasce

PARTE VII: Exatamente um ano

Capítulo 96: Um raio chamado Anton

Capítulo 97: Intruso

Capítulo 98: O mais cruel ataque aéreo

Capítulo 99: Uma surpresa para Hitler

Capítulo 100: Sangue, suor e lágrimas

Capítulo 101: Um fim de semana em chequers

Epílogo: O tempo passou

Fontes e agradecimentos

Notas

Bibliografia

Sobre o autor

Leia também

Para David Woodrum
— por motivos secretos

Aos seres humanos não é permitido – para sua felicidade, pois de outra forma a vida seria intolerável – antever ou prever, em qualquer medida, o desenrolar dos acontecimentos.

— WINSTON CHURCHILL,
ELOGIO PÓSTUMO PARA NEVILLE CHAMBERLAIN,
12 DE NOVEMBRO DE 1940

UMA NOTA PARA OS LEITORES

SÓ QUANDO ME MUDEI PARA MANHATTAN há alguns anos entendi, com clareza, quanto a experiência pela qual os nova-iorquinos passaram no 11 de setembro de 2001 foi diferente do que sentimos vendo o pesadelo se desenrolar a distância. A cidade natal daquelas pessoas estava sendo atacada. Quase imediatamente comecei a pensar sobre Londres e os ataques aéreos alemães de 1940-41, e imaginei como alguém conseguiu suportar aquilo: 57 noites consecutivas de bombardeio, seguidas por uma série cada vez mais intensa de ataques noturnos durante os seis meses seguintes.

Pensei, particularmente, em Winston Churchill. Como ele suportou? E sua família e amigos? Como foi ter sua cidade bombardeada por noites a fio e saber muito bem que esses ataques aéreos, apesar de terríveis, eram provavelmente o preâmbulo de algo muito pior: uma invasão alemã pelo mar e pelos ares, com paraquedistas pousando em seu jardim, tanques Panzer desfilando pela Trafalgar Square e gás venenoso flutuando sobre a praia onde ele, em outro momento, havia pintado o mar?

Decidi investigar, e rapidamente percebi que uma coisa é *dizer* “Siga em frente com a sua vida”, outra é fazer isso de fato. Eu me concentrei no primeiro ano de Churchill como primeiro-ministro, de 10 de maio de 1940 a 10 de maio de 1941, período

que coincidiu com a campanha aérea alemã, que desdobra-se de ataques esporádicos e aparentemente sem alvos definidos para uma invasão total da cidade de Londres. O ano acabou em um fim de semana de violência vonnegutiana, quando o cotidiano e o fantástico convergiram para marcar o que se provou ser a primeira grande vitória da guerra.

O que se segue não é, de forma alguma, uma história definitiva da vida de Churchill. Outros autores conseguiram isso, especialmente seu incansável, porém não imortal, biógrafo Martin Gilbert, cujo estudo de oito volumes deve satisfazer qualquer desejo por cada detalhe. Este é um relato mais íntimo, que se dedica à maneira como Churchill e seu círculo sobreviveram diariamente: os piores momentos e a luz, os enredos românticos e as decepções, as tristezas e as risadas, os pequenos episódios estranhos que revelam como era realmente a vida sob a tempestade de aço de Hitler. Este foi o ano em que Churchill se tornou *Churchill*, o buldogue fumante de charutos que pensamos conhecer, quando ele fez seus maiores discursos e mostrou ao mundo o que era coragem e liderança.

Embora às vezes possa não parecer, este é um trabalho de não ficção. Todo trecho entre aspas vem de algum tipo de documento histórico, como um diário, carta, memórias ou outro artefato; qualquer referência a um gesto, olhar, sorriso ou outra reação facial vem de um relato de alguém que o testemunhou. Se algo daqui em diante desafiar algumas crenças sobre Churchill e sua época, posso apenas dizer que a história é um lugar animado, cheio de surpresas.

Erik Larson
Manhattan, 2020

EXPECTATIVAS SOMBRIAS

NINGUÉM TINHA DÚVIDA DE QUE OS BOMBARDEIROS VIRIAM. O planejamento da defesa começou muito antes da guerra, embora os planejadores não tivessem nenhuma ameaça específica em mente. A Europa era a Europa. Se experiências passadas pudessem servir como algum tipo de guia, uma guerra poderia começar em qualquer lugar, a qualquer momento. Os líderes militares do Reino Unido viam o mundo pelas lentes da experiência do império na última guerra, a Grande Guerra, com seu massacre gigantesco de soldados e civis e os primeiros ataques aéreos sistemáticos da história, conduzidos sobre a Inglaterra e a Escócia usando bombas lançadas de zepelins alemães. O primeiro desses ataques aconteceu na noite de 19 de janeiro de 1915, e foi seguido por mais de cinquenta outros, durante os quais dirigíveis gigantes flutuando silenciosamente pelos céus da Inglaterra despejaram 162 toneladas de bombas que mataram 557 pessoas.¹

Desde então, as bombas se tornaram maiores, mais mortais e com mais artimanhas, dispositivos de retardamento e modificações que as faziam guinchar enquanto caíam. Uma imensa bomba alemã, de quatro metros e 1,8 tonelada chamada Satã podia destruir uma quadra inteira.² A aeronave que carregava essas bombas também ficou maior, e mais rápida, e voava mais alto, e portanto obtinha mais sucesso em escapar do

front das defesas. Em 10 de novembro de 1932, Stanley Baldwin, então vice-primeiro-ministro, apresentou na Câmara dos Comuns uma previsão do que estava por vir: “Penso que é bom que o homem comum perceba que não há poder na Terra que possa protegê-lo de ser bombardeado. Independentemente do que se diga a ele, o bombardeiro sempre conseguirá chegar.”³ A única defesa efetiva estava no ataque, ele disse, “o que significa que você tem de matar mais mulheres e crianças mais rápido que o inimigo, se quiser se salvar”.

Os especialistas em defesa civil da Grã-Bretanha, temendo um “nocaute”, previam que o primeiro ataque aéreo a Londres iria destruir grande parte da cidade, se não toda ela, e mataria duzentos mil civis.⁴ “Acreditava-se veementemente que Londres seria reduzida a destroços minutos após a guerra ser declarada”, escreveu um oficial de baixo escalão.⁵ Os ataques causariam tamanho terror entre os sobreviventes que milhões enlouqueceriam. “Por muitos dias, Londres será uma confusão delirante”, escreveu J. F. C. Fuller, um teórico militar, em 1923. “Os hospitais serão invadidos, o tráfego irá parar, os sem-teto vão gritar por ajuda, a cidade virará um pandemônio.”⁶

O Ministério do Interior estimou que se os protocolos normais de sepultamento fossem seguidos, os fabricantes de caixões precisariam de dois milhões de metros quadrados de “madeira de caixão”, uma quantidade impossível de ser obtida.⁷ Seria preciso construir caixões de papelão pesado ou papel machê, ou simplesmente enterrar as pessoas em mortalhas.⁸ “Para enterros coletivos”, o Departamento Escocês de Saúde recomendava que “o tipo mais apropriado de sepultura é a vala,

com profundidade suficiente para acomodar cinco camadas de corpos”.⁹ Os planejadores pediram que grandes valas fossem cavadas nos limites de Londres e em outras cidades, com a escavação feita da forma mais discreta possível. Os agentes funerários receberiam treinamento para descontaminar corpos e roupas de pessoas mortas por gases venenosos.¹⁰

Quando o Reino Unido declarou guerra contra a Alemanha, em 3 de setembro de 1939, em resposta à invasão da Polônia por Hitler, o governo se preparou para os bombardeios e invasões que certamente se seguiriam. O codinome para sinalizar que a invasão era iminente ou estava em andamento era “Cromwell”.¹¹ O Ministério da Informação emitiu um comunicado especial, *Derrotando o Invasor*, que foi enviado para milhões de casas. A publicação não foi feita para acalmar a população. “Quando o inimigo chegar”, alertava, “... haverá a mais violenta batalha”. O texto instruía os leitores a seguir qualquer conselho do governo para evacuar a cidade. “Quando o ataque começar, será tarde demais para ir embora... FIQUEM FIRMES.” Os campanários das igrejas silenciaram em toda a Grã-Bretanha. Seus sinos eram então o alarme designado para tocar apenas quando “Cromwell” fosse solicitado e os invasores estivessem a caminho. Se sinos soassem, significava que paraquedistas tinham sido vistos próximos. Sobre isso, o panfleto instruía: “Desmonte e esconda sua bicicleta e destrua seus mapas”. Se você tivesse um carro: “Remova a cabeça e os cabos do distribuidor e esvazie o tanque ou remova o carburador. Se você não sabe como fazer isso, pergunte na oficina mais próxima.”

Cidades e vilas retiraram placas de trânsito e limitaram a venda de mapas a pessoas que tinham autorizações da polícia.¹² Fazendeiros deixaram carros velhos e tratores em seus campos como obstáculos contra planadores cheios de soldados. O governo entregou 35 milhões de máscaras contra gás para civis, que as carregavam para o trabalho e a igreja e as mantinham ao lado da cama.¹³ As caixas de correio de Londres receberam uma pintura amarela especial que mudava de cor na presença de gás venenoso.¹⁴ Regras rigorosas de blecaute escureceram tanto as ruas da cidade que se tornou quase impossível reconhecer um visitante numa estação de trem depois do anoitecer.¹⁵ Nas noites sem lua, pedestres atravessavam a rua na frente de carros e ônibus, batiam contra postes de luz, caíam do meio-fio e tropeçavam em sacos de areia.

De repente, todo mundo passou a prestar atenção às fases da lua. Bombardeiros podiam atacar durante o dia, claro, mas imaginava-se que à noite poderiam localizar seus alvos apenas sob a luz da lua. A lua cheia e os dias imediatamente anteriores e posteriores se tornaram conhecidos como “lua de bombardeiro”.¹⁶ Havia certo consolo no fato de que bombardeiros e, mais importante, suas escoltas de caças teriam de voar um longo caminho desde suas bases na Alemanha, uma distância tão grande que poderia limitar-lhes o alcance e a letalidade. Mas isso presumia que a França, com seu forte exército, a Linha Maginot e sua poderosa marinha, permaneceria firme e, assim, cercaria a Luftwaffe e bloquearia todos os caminhos alemães para a invasão. A resistência da França era o pilar da estratégia de defesa britânica. Era inimaginável que a

França fosse cair.

“A atmosfera não é apenas de ansiedade”, escreveu Harold Nicolson, que logo se tornaria secretário parlamentar no Ministério da Informação, em seu diário em 7 de maio de 1940. “É uma atmosfera de medo real.”¹⁷ Ele e sua esposa, a escritora Vita Sackville-West, concordaram em cometer suicídio, se fosse preciso, para evitar que fossem capturados pelos invasores alemães. “Deve haver algo rápido, indolor e portátil”, escreveu ela para ele em 28 de maio. “Ah, meu caro, meu querido, e pensar que chegamos a ter de pensar nisso!”

* * *

A CONFLUÊNCIA DE FORÇAS E CIRCUNSTÂNCIAS imprevistas finalmente trouxe os bombardeiros para Londres, sendo que um evento particularmente importante aconteceu logo antes do crepúsculo de 10 de maio de 1940, uma das noites mais lindas de uma das melhores primaveras de que as pessoas conseguiam se lembrar.

1940

PARTE I

A ameaça crescente

Maio — Junho

CAPÍTULO I

A partida do Legista

OS CARROS ACELERAVAM AO LONGO DO MALL, a ampla avenida que seguia de Whitehall, a sede dos ministérios do governo britânico, ao Palácio de Buckingham, a casa de 775 cômodos do rei George VI e da rainha Elizabeth, com sua fachada de pedra visível no fim da rua, encoberta pelas sombras. Era fim de tarde, sexta-feira, 10 de maio. Em todo lugar, jacintos e prímulas floresciam. Delicadas folhas de primavera cobriam as árvores. Os pelicanos do Parque St. James desfrutavam o calor e a adoração dos visitantes, enquanto seus primos menos exóticos, os cisnes, boiavam com a ausência de interesse habitual. A beleza do dia era um contraste chocante com tudo que acontecera desde o amanhecer, quando as forças alemãs invadiram a Holanda, a Bélgica e Luxemburgo com blindados, bombardeiros e tropas de paraquedistas, causando um efeito avassalador.

No banco traseiro do primeiro carro estava a maior autoridade naval britânica, o primeiro lorde do Almirantado, Winston S. Churchill, de 65 anos. Ele tinha ocupado o mesmo posto antes, durante a guerra anterior, e havia sido indicado novamente pelo primeiro-ministro, Neville Chamberlain, quando a guerra foi declarada. No segundo carro ia o policial que cuidava da segurança de Churchill, o inspetor Walter Henry Thompson, da Divisão Especial da Scotland Yard, responsável

pela preservação da vida de Churchill. Alto e magro, com nariz anguloso, Thompson era onipresente, visto com frequência nas fotos da imprensa, mas raramente mencionado — um “esbirro”, no vocabulário da época, como tantos que realizavam o trabalho governamental: a miríade de secretários particulares e parlamentares e assistentes e datilógrafos que constituíam a infantaria de Whitehall. No entanto, diferente da maioria, Thompson sempre carregava uma pistola no bolso do sobretudo.

Churchill havia sido convocado pelo rei. Para Thompson, pelo menos, a razão parecia óbvia. “Dirigi atrás do Velho com um orgulho indescritível”, escreveu.¹

Churchill entrou no palácio. O rei George tinha 44 anos e estava no quarto ano de seu reinado. Cambaio, boca de peixe, com orelhas enormes e sofrendo de uma significativa gagueira, ele parecia frágil, especialmente em comparação com seu visitante, que, apesar de oito centímetros mais baixo, tinha um diâmetro muito maior. O rei desconfiava de Churchill. Sua simpatia por Edward VIII, irmão mais velho do rei, cujo romance com a divorciada americana Wallis Simpson deu início à crise da abdicação de 1936, permaneceu um ponto de atrito entre Churchill e a família real. O rei também se ofendeu com as críticas que Churchill havia feito ao primeiro-ministro, Chamberlain, em relação ao Acordo de Munique de 1938, que permitiu a Hitler anexar uma parte da Tchecoslováquia. O rei mantinha uma desconfiança geral em relação à independência de Churchill e a suas lealdades políticas mutantes.

Ele pediu a Churchill que se sentasse e o encarou firmemente por um tempo, de uma forma que Churchill descreveu depois

como inquisitiva e debochada.

O rei disse:

— Imagino que não saiba por que o chamei aqui, certo?

— Senhor, eu simplesmente não consigo imaginar.²

* * *

TINHA HAVIDO UMA REBELIÃO na Câmara dos Comuns que deixara o governo de Chamberlain ameaçado. A história começou num debate sobre o fracasso britânico em uma tentativa de expulsar as forças alemãs da Noruega, invadida por Hitler um mês antes. Churchill, como primeiro lorde do Almirantado, foi o responsável pelo componente naval da tentativa. Agora eram os britânicos que enfrentavam uma expulsão, diante de um ataque alemão inesperadamente feroz. O fracasso gerou pedidos de uma mudança no governo. Na visão dos rebeldes, Chamberlain, de 71 anos, apelidado de “Médico-Legista” e “Guarda-Chuva Velho”, não estava à altura da tarefa de gerenciar uma guerra em franca expansão. Em um discurso em 7 de maio, um membro do Parlamento, Leopold Amery, fez uma crítica direta a Chamberlain, citando palavras de Oliver Cromwell de 1653: “Você já esteve sentado aqui por tempo demais pelo bem que está fazendo! Vá, digo, e deixe-nos ficar sem você! Em nome de Deus, vá!”³

A Câmara votou uma moção de confiança, por meio de uma “divisão”, na qual os membros se alinharam no saguão em duas filas, uma para o sim e outra para o não, e foram contados. À primeira vista, a votação parecia uma vitória para Chamberlain

— 281 votos sim contra duzentos votos não —, mas, na realidade, comparando a outras votações, isso acabou ressaltando quanto apoio político ele havia perdido.

Mais tarde, Chamberlain se encontrou com Churchill e disse que planejava renunciar. Churchill, querendo parecer leal, convenceu-o a ficar. Isso animou o rei, mas levou um rebelde, chocado com a ideia de que Chamberlain fosse tentar permanecer, a compará-lo a “um velho pedaço de chiclete sujo grudado na perna de uma cadeira”.⁴

Na quinta-feira, 9 de maio, as forças que se opunham a Chamberlain haviam aprofundado sua decisão. Ao longo do dia, a saída dele parecia cada vez mais certa, e dois homens rapidamente surgiram como candidatos mais prováveis para substituí-lo: seu secretário das Relações Exteriores, lorde Halifax, e o primeiro lorde do Almirantado, Churchill, que boa parte do público adorava.

Mas então veio a sexta-feira, dia 10 de maio, e com ela os ataques-relâmpago de Hitler aos Países Baixos. A notícia lançou uma nuvem negra sobre Whitehall, embora para Chamberlain também tenha trazido uma esperança renovada de que seria possível manter o cargo. Certamente a Câmara concordaria que diante de tais acontecimentos seria pouco recomendável trocar de governo. Os rebeldes, no entanto, deixaram claro que não trabalhariam sob o comando de Chamberlain e pressionaram pela indicação de Churchill.

Chamberlain percebeu que não tinha escolha a não ser renunciar. Ele insistiu que lorde Halifax aceitasse o cargo. Halifax parecia mais estável que Churchill, menos propenso a

levar a Grã-Bretanha a uma nova catástrofe. No Whitehall, Churchill era reconhecido como um orador brilhante, muito embora fosse considerado por muitos desprovido de bom senso. O próprio Halifax se referia a ele como um “elefante maroto”.⁵ Mas Halifax, que duvidava de sua própria habilidade para liderar em tempo de guerra, não queria o trabalho. E deixou isso claro quando um emissário enviado para tentar convencê-lo do contrário descobriu que ele havia saído para ir ao dentista.⁶

Restou ao rei decidir. Primeiro, convocou Chamberlain. “Aceitei sua renúncia”, escreveu o rei em seu diário, “e disse que considerarei injusta a forma como ele foi tratado, e que lamentava que toda essa controvérsia tivesse acontecido”.⁷

Os dois homens conversaram sobre sucessores. “Eu, claro, sugeri Halifax”, escreveu o rei. Ele considerava Halifax a “escolha óbvia”.

Mas Chamberlain o surpreendeu: recomendou Churchill.

O rei escreveu: “Convoquei Churchill e pedi que formasse um governo. Ele aceitou e me disse não ter imaginado que esta era a razão da minha convocação”⁸ — apesar de Churchill, de acordo com o relato do soberano, ter à mão alguns nomes de homens que estava considerando para seu gabinete.

* * *

OS CARROS QUE LEVAVAM CHURCHILL e o inspetor Thompson voltaram para a Casa do Almirantado, sede do comando naval em Londres e, na ocasião, casa de Churchill. Os dois homens saíram dos carros. Como sempre, Thompson mantinha uma das

mãos no bolso do sobretudo para ter acesso rápido à pistola. Sentinelas segurando rifles com baionetas estavam de prontidão, assim como soldados armados com metralhadoras Lewis, protegidos por barricadas de sacos de areia. No gramado adjacente do St. James Park, a longa fila de canos da artilharia antiaérea apontava para o céu em ângulos estalagmíticos.

Churchill voltou-se para Thompson.

“Você sabe por que estive no Palácio de Buckingham”, disse.⁹

Thompson sabia, e o parabenizou, mas acrescentou que queria que a indicação tivesse vindo antes, num momento melhor, pela imensidão da tarefa adiante.

“Só Deus sabe quão imensa ela é”, respondeu Churchill.

Os dois homens apertaram-se as mãos, solenes como num funeral.

“Só espero que não seja tarde demais”, Churchill afirmou.

“Tenho medo que seja. Mas só o que podemos fazer é o nosso melhor, e dar o resto que temos — seja o que for que nos reste.”

Eram palavras sóbrias, embora internamente Churchill estivesse exultante. Havia esperado a vida inteira por esse momento. O fato de ter chegado em uma circunstância tão sombria não importava. Pelo contrário, tornou a nomeação ainda mais extraordinária.

Sob a luz decrescente do crepúsculo, o inspetor Thompson viu lágrimas escorrerem pelo rosto de Churchill. Thompson também se viu quase chorando.

* * *

MAIS TARDE NAQUELA NOITE, Churchill estava na cama, animado com a sensação de desafio e oportunidade. “Em minha extensa experiência política”, escreveu, “ocupe os principais cargos do Estado, mas admito sem dificuldades que este que agora me foi entregue é meu predileto”.¹⁰ Desejar o poder pelo poder era uma busca “vil”, acrescentou ele, “mas o poder numa crise nacional, quando um homem sabe quais ordens devem ser dadas, é uma bênção”.

Ele sentiu grande alívio. “Finalmente tenho a autoridade para dirigir toda a ação. Eu me senti levado pelo destino, como se toda minha vida até aqui não passasse de uma preparação para esta hora e este desafio... Embora impaciente para que a manhã chegasse, dormi profundamente e não precisei de sonhos animadores. Fatos são melhores que sonhos.”¹¹

Apesar das dúvidas que revelou ao inspetor Thompson, Churchill levou para o nº 10 da Downing Street uma confiança cega de que, sob sua liderança, a Grã-Bretanha ganharia a guerra, mesmo que qualquer avaliação objetiva concluísse que ele não tinha chances. Churchill sabia que o desafio agora era fazer com que todos acreditassem também — seus compatriotas, seus comandantes, seus ministros e, mais importante, o presidente americano Franklin Roosevelt. Desde o começo, Churchill entendeu uma verdade fundamental sobre a guerra: não iria ganhá-la sem a participação dos Estados Unidos. Sozinha, a Grã-Bretanha poderia enfrentar e manter a Alemanha sob controle, mas apenas a força industrial e o poder humano dos americanos poderiam garantir a erradicação final de Hitler e do nacional-socialismo.

O que tornava isso mais assustador era o fato de que Churchill precisava atingir esses objetivos rapidamente, antes que Hitler pusesse toda a sua atenção na Inglaterra e começasse a usar sua força aérea, a Luftwaffe, que a inteligência britânica acreditava ser muito superior à Real Força Aérea, a RAF, na sigla em inglês.

* * *

NESSE ÍTERIM, CHURCHILL precisava lidar com todo tipo de desafio. Um imenso pagamento de uma dívida pessoal vencia no fim do mês, e ele não tinha como pagar. Seu único filho, Randolph, também estava mergulhado em dívidas, demonstrando persistentemente um talento não apenas para gastar dinheiro, mas também para perdê-lo em apostas, uma inaptidão lendária; ele também bebia demais e tinha propensão a fazer escândalos, e constituía, portanto, aquilo que sua mãe, Clementine (pronuncia-se *Clementin*), via como risco permanente de constrangimento para a família. Churchill também tinha de lidar com as regras de blecaute e racionamento e com a constante intromissão de autoridades que queriam mantê-lo em segurança contra tentativas de assassinato — além do eterno tormento do exército de trabalhadores designados para proteger o nº 10 da Downing Street e Whitehall contra ataques aéreos. Suas críticas sem fim, mais do que qualquer outro incômodo, tinham a capacidade de enfurecê-lo.

Talvez com a exceção de assobios.

Certa vez, Churchill disse que seu ódio por assobios era a

única coisa que ele tinha em comum com Hitler. Era mais do que uma mera obsessão. “Isso gera um distúrbio quase psiquiátrico nele — imenso, imediato e irracional”, escreveu o inspetor Thompson.¹² Certa ocasião, enquanto andavam juntos para o nº 10 da Downing Street, Thompson e o novo primeiro-ministro avistaram um jornaleiro de, talvez, uns 13 anos, andando na direção deles, “com a mão no bolso e o jornal debaixo do braço, assobiando alto e feliz”, recordou Thompson.¹³

Enquanto o menino se aproximava, a raiva de Churchill aumentava. Ele encolheu os ombros e andou até o rapaz. “Pare de assobiar”, resmungou.

O menino, absolutamente imperturbável, respondeu: “Por quê?”

“Porque eu não gosto e é um barulho horrível.”

O garoto seguiu em frente, depois virou-se e gritou: “Você pode tapar os ouvidos, não é?”

O garoto continuou andando.

Churchill ficou chocado por um instante. A raiva tomou seu rosto.

Mas uma das grandes forças de Churchill era saber colocar as coisas em perspectiva, algo que dava a ele a capacidade de separar situações diferentes em caixas, para que o mau humor pudesse, num piscar de olhos, transformar-se em alegria. Enquanto Churchill e Thompson continuavam caminhando, Thompson viu Churchill começar a sorrir. Baixinho, Churchill repetia a tréplica do garoto: “Você pode tapar os ouvidos, não é?”

E riu alto.

* * *

CHURCHILL SE ENTREGOU IMEDIATAMENTE à sua nova responsabilidade, animando muitos, mas confirmando para algumas pessoas suas mais terríveis preocupações.

CAPÍTULO 2

Uma noite no Savoy

MARY CHURCHILL, AOS 17 ANOS, acordou naquela manhã de 10 de maio com as notícias sombrias da Europa. Os detalhes eram, por si só, assustadores, mas era a justaposição entre o modo como Mary passou a noite e o que aconteceu do outro lado do canal da Mancha que tornava tudo mais chocante.

Mary era a mais nova dos quatro filhos de Churchill; um quinto filho, uma menina chamada Marigold, a amada “Duckadilly” da família, morreu de sepse em agosto de 1921, aos 2 anos e 9 meses. Ambos os pais estavam presentes quando ela morreu, um momento que levou Clementine, como Churchill contou a Mary mais tarde, “a uma sucessão de gritos selvagens, como um animal numa dor mortal”.¹

A irmã mais velha de Mary, Diana, de 30 anos, era casada com Duncan Sandys (pronuncia-se Sands), que trabalhava como “conselheiro especial” de Churchill na seção de Precauções contra Ataques Aéreos (ARP, na sigla em inglês), a divisão de defesa civil do Ministério do Interior. Eles tinham três filhos. A segunda irmã, Sarah, de 29 anos, tão teimosa quando criança a ponto de ganhar o apelido de “Mula”, era uma atriz que, para desgosto de Churchill, casou-se com um artista austríaco chamado Vic Oliver, dezesseis anos mais velho e casado duas vezes antes de conhecê-la. Eles não tinham filhos. O quarto era

Randolph, com quase 29 anos, que um ano antes havia se casado com Pamela Digby, agora com vinte anos e grávida do primeiro filho deles.

Mary era linda, alegre e espirituosa, descrita por um observador como “muito efervescente”.² Ela enfrentava o mundo com o entusiasmo desavergonhado de um cordeiro na primavera, uma característica que uma jovem visitante americana, Kathy Harriman, achou enjoativa. “Ela é uma menina muito inteligente”, escreveu Harriman, “mas é tão ingênua que dói. Diz as coisas com franqueza; então as pessoas riem dela, tiram sarro e, por ser supersensível, ela leva tudo para o lado pessoal”.³ Quando nasceu, sua mãe a apelidou de “Mary, o Rato”.⁴

Enquanto Hitler impunha morte e trauma a milhões de pessoas nos Países Baixos, Mary estava fora com amigos se divertindo. A noite começou com um jantar para sua amiga íntima Judy — Judith Venetia Montagu —, uma prima, também com 17 anos, filha do falecido Edwin Samuel Montagu, ex-secretário para o Estado da Índia, e sua esposa, Venetia Stanley. O casamento deles foi rodeado de drama e especulação: Venetia casou com Montagu após um romance de três anos com o ex-primeiro-ministro H. H. Asquith, 35 anos mais velho. Se Venetia e Asquith tiveram, algum dia, uma relação física ainda permanece um mistério, embora, caso o número de palavras possa ser usado como medida de intensidade romântica, Asquith era um homem perdidamente apaixonado. Durante os três anos em que estiveram envolvidos, ele escreveu pelo menos 560 cartas para Venetia, algumas durante reuniões do gabinete, uma

propensão que Churchill chamava de “o maior risco de segurança da Inglaterra”.⁵ Seu noivado surpresa com Montagu acabou com Asquith. “Nenhum inferno poderia ser pior”, escreveu.⁶

Vários outros homens e mulheres jovens também estiveram no jantar de Judy Montagu, todos membros do grupo dos mais brilhantes de Londres, descendentes da nobreza britânica, que jantavam, dançavam e bebiam champanhe nas boates populares da cidade. A guerra não deu fim à folia, mas impôs um tom sombrio. Muitos dos homens haviam se alistado a algum braço dos serviços militares, sendo a RAF talvez a mais romântica, ou estavam alojados em escolas militares como Sandhurst e Pirbright. Alguns haviam lutado na Noruega e outros estavam agora no exterior com a Força Expedicionária Britânica. Muitas das meninas do grupo de Mary tinham entrado para o Serviço Voluntário das Mulheres, que ajudava a realocar pessoas desalojadas, operava centros de descanso e providenciava comida em emergências, além de realizar diversas tarefas como enrolar pelo de cachorro emovelos para usar na produção de roupas. Outras jovens estudavam para se tornar enfermeiras; algumas assumiam postos obscuros no Ministério das Relações Exteriores, onde, como Mary descrevia, realizavam “atividades que não deveriam ser descritas”. Mas diversão era diversão, e apesar da escuridão cada vez maior, Mary e seus amigos dançavam, Mary com a mesada de £5 (US\$20) que Churchill pagava a ela no primeiro dia do mês. “A vida social de Londres era animada”, escreveu Mary em suas memórias. “Apesar do blecaute, os teatros estavam cheios, havia muitos clubes

noturnos para dançar depois que os restaurantes fechavam, e muitas pessoas ainda davam jantares, frequentemente organizados para algum filho que estava de licença.”⁷

Um dos lugares favoritos de Mary e seu grupo de amigos era o Teatro Players, perto do Covent Garden, onde se sentavam às mesas e assistiam a diversos atores, incluindo Peter Ustinov, interpretando velhas músicas de salão. Eles ficavam até o teatro fechar, às duas da manhã, depois iam andando para casa pelas ruas escuras. Ela adorava a beleza e o mistério das noites de lua cheia: “Sair das ruas envoltas na escuridão como vales negros e entrar na amplidão da Trafalgar Square banhada pela luz do luar, a simetria clássica de St. Martin-in-the-Fields gravada ao fundo e a Coluna de Nelson subindo pela noite acima de seus leões guardiões tão formidáveis e negros — é uma visão que nunca esquecerei.”⁸

Entre os homens no jantar de Judy Montagu estava um jovem major do exército chamado Mark Howard, que Mary achou bonito e afável e de quem “gostou”.⁹ Destinado a morrer numa ação militar dentro de quatro anos, Howard era major na Coldstream Guard, o mais antigo regimento em serviço no exército regular britânico. Apesar de ser uma unidade de combate ativa, seus deveres incluíam ajudar a proteger o Palácio de Buckingham.

Depois do jantar, Mary, Mark e seus amigos foram ao famoso Hotel Savoy para dançar, e então seguiram para um dos clubes noturnos preferidos pelos jovens ricos de Londres, o 400 Club, conhecido como “o quartel-general noturno da sociedade”. Situado num porão em Leicester Square, o clube ficava aberto

até o amanhecer, enquanto os convidados dançavam valsa e foxtrote ao som de uma orquestra de dezoito músicos. “Dancei quase exclusivamente com Mark”, escreveu Mary em seu diário. “M. bom! Casa e cama às 4 da manhã.”¹⁰

Naquela manhã, sexta-feira, 10 de maio, ela soube dos ataques-relâmpago de Hitler na Europa. Em seu diário, Mary escreveu “enquanto Mark e eu dançávamos alegres & despreocupados hoje de manhã, na manhã cinza e fria, a Alemanha atacou mais dois países inocentes — Holanda e Bélgica. A bestialidade do ataque é inconcebível”.¹¹

Ela foi à escola, o Queen’s College, na Harley Street, onde estava matriculada em meio período e estudava francês, literatura inglesa e história. “Uma nuvem de incerteza e dúvida pairou sobre nós o dia todo”, escreveu ela. “O que pode acontecer com o gov?”¹²

Logo ela recebeu uma resposta. À tarde, como normalmente fazia às sextas, Mary viajou para a propriedade da família Churchill, Chartwell, cerca de quarenta quilômetros a sudeste de Londres. Ela cresceu lá, criando uma variedade de animais, alguns dos quais tentou vender através de um negócio que chamou de “Zoológico Feliz”.¹³ A casa estava fechada devido à guerra, exceto pelo escritório de Churchill, mas um chalé na propriedade permaneceu aberto e era agora ocupado pela amada ex-babá de Mary, Maryott Whyte, prima em primeiro grau de Clementine, conhecida pela família como Moppet ou Nana.

Era uma noite quente de verão. Mary se sentou nos degraus do chalé sob o céu azul-escuro — o “ocaso”, ela chamava — enquanto ouvia um rádio que estava ligado dentro da casa.

Cerca das nove da noite, pouco antes da transmissão regular de notícias da BBC, Chamberlain fez um breve pronunciamento, no qual informou ter renunciado e que Churchill era agora primeiro-ministro.

Mary ficou empolgada. Nem todos sentiram a mesma coisa.

* * *

PARA PELO MENOS UM DOS MEMBROS do grupo de Mary, também presente naquela noite no Savoy e no 400 Club, a indicação era incômoda, tanto pelo modo como afetaria a guerra e a nação quanto a sua vida.

Até a manhã de sábado, 11 de maio, John “Jock” Colville trabalhava como secretário-assistente particular de Neville Chamberlain, mas agora se via indicado para trabalhar com Churchill. Dadas as exigências do trabalho, ele estava diante da necessidade de praticamente viver com Churchill no nº 10 da Downing Street. A opinião de Mary sobre Jock era ambivalente, quase cautelosa: “Desconfiei — com razão, nos dois casos! — que ele fosse fã de Chamberlain e do Acordo de Munique.”¹⁴ Ele, por sua vez, ficou ainda menos encantado com ela: “Achei a menina Churchill um tanto arrogante.”¹⁵

O trabalho de secretário particular tinha prestígio. Colville se juntou a quatro outros homens recém-indicados que, juntos, compunham o “escritório privado” de Churchill e serviam quase como seus representantes, enquanto um quadro de outros secretários e datilógrafos cuidava de seus ditados e tarefas administrativas de rotina. A posição da família de Colville

parecia ter predeterminado sua colocação no governo. Seu pai, George Charles Colville, era advogado e sua mãe, lady Cynthia Crewe-Milnes, integrante da corte, era dama de companhia de Mary, a rainha-mãe. Ela também era assistente social, atendendo os pobres do leste de Londres, e volta e meia levava Colville junto para que ele pudesse ver o outro lado da vida inglesa. Aos 12 anos, Colville se tornou pajem de honra do rei George V, um cargo cerimonial que o obrigava a aparecer no Palácio de Buckingham três vezes ao ano, paramentado com calções nos joelhos, punhos de renda, uma capa azul real e um chapéu de três pontas com penas vermelhas.

Apesar de ter apenas 21 anos, Colville parecia mais velho, um efeito que poderia ser atribuído tanto à maneira fúnebre como era obrigado a se vestir quanto às sobrancelhas escuras e ao rosto impassível. O conjunto dava a ele um ar de alguém tremendamente crítico, embora, na verdade — como revelou-se em um diário mantido em segredo sobre seus dias na casa do primeiro-ministro —, ele fosse um observador preciso do comportamento humano. Escrevia com graça e tinha uma profunda apreciação pela beleza do mundo. Tinha dois irmãos mais velhos, o primogênito, David, na marinha, e o outro, Philip, major do exército, servindo na França com a Força Expedicionária Britânica (BEF, na sigla em inglês), algo que deixava Jock muito ansioso.

Colville havia estudado em todos os lugares certos; isso era importante nos escalões superiores da Grã-Bretanha, onde a escola servia como uma espécie de estandarte de regimento.¹⁶ Ele fez o equivalente do ensino médio em Harrow e foi capitão do

time de esgrima, depois seguiu para o Trinity College, em Cambridge. Harrow tinha uma influência desproporcional no destino de homens jovens das classes superiores da Grã-Bretanha, como é evidente na lista de ex-alunos, que incluía sete primeiros-ministros, entre os quais Churchill, um estudante sem brilho que, segundo um membro da equipe, demonstrou “fenomenal negligência”. (A lista de alunos de Harrow mais tarde inclui os atores Benedict Cumberbatch e Cary Elwes, do famoso *The Princess Bride*, e um ornitólogo chamado James Bond.) Colville aprendeu alemão e aprimorou suas habilidades em duas temporadas na Alemanha, primeiro em 1933, logo depois que Hitler se tornou chanceler da Alemanha, e uma segunda vez em 1937, quando Hitler estava tomando o controle total. Num primeiro momento Colville achou o entusiasmo da população alemã contagiante, mas com o passar do tempo começou a se sentir incomodado. Ele testemunhou a queima de livros em Baden-Baden e depois assistiu a um dos discursos de Hitler. “Nunca antes, nem depois, vi uma exibição de histeria das massas tão universal em sua natureza”, escreveu. Naquele mesmo ano, Colville entrou para o Ministério das Relações Exteriores, na divisão de serviço diplomático, que fornecia ao primeiro-ministro seus secretários particulares. Dois anos depois, ele estava trabalhando para Chamberlain, na época envolvido em uma controvérsia sobre seu fracassado Acordo de Munique. Churchill, um dos principais críticos de Chamberlain, chamava o acordo de “uma derrota total e consumada”.

Colville gostava de Chamberlain e o respeitava, mas temia o que poderia acontecer com Churchill no poder. Ele via apenas

caos à frente. Como muitos outros em Whitehall, considerava Churchill caprichoso e intrometido, disposto a agir de modo dinâmico em todas as direções ao mesmo tempo. Mas o público o adorava. Colville, em seu diário, culpava Hitler por esse aumento de popularidade, escrevendo: “Um dos atos mais inteligentes de Hitler foi tornar Winston o Inimigo Público Número Um, porque esse fato o ajudou a se tornar o Herói Público Número Um aqui e nos Estados Unidos.”¹⁷

Para Colville, parecia que um clima de consternação se instalara sobre Whitehall quando as potenciais consequências da nomeação de Churchill começaram a aparecer. “Ele pode, claro, ser o homem com a força e energia que o país acredita ser e pode ser capaz de acelerar nossa maquinaria militar e industrial”, escreveu Colville. “Mas é um risco terrível, envolve o perigo de explorações apressadas e espetaculares, e não posso evitar temer que este país possa ser colocado na mais perigosa posição em que já esteve.”¹⁸

Colville alimentava um desejo oculto de que a permanência de Churchill fosse curta. “Parece haver esperança de que N. C.” — Neville Chamberlain — “esteja de volta em breve”, confidenciou em seu diário.¹⁹

Uma coisa parecia certa, no entanto: o trabalho de Colville com Churchill forneceria amplo material para seu diário, que ele começou a escrever oito meses antes, logo após o início da guerra. Só mais tarde ele percebeu que isso era, provavelmente, uma grave violação das leis de segurança nacional. Como um colega secretário particular disse depois: “Estou surpreso com os riscos que Jock correu em termos de segurança, pelos quais ele

teria sido demitido de imediato se fosse pego.”²⁰

* * *

O CETICISMO QUE COLVILLE SENTIU no dia seguinte ao da nomeação ecoou por todo Whitehall. O rei George VI escreveu em seu diário: “Não consigo ainda pensar em Winston como P.M.”²¹ O rei se encontrou com lorde Halifax dentro da propriedade do Palácio de Buckingham, que Halifax tinha permissão para atravessar em seu caminho diário de casa, na Euston Square, para o Ministério das Relações Exteriores. “Encontrei com Halifax no jardim”, escreveu o rei, “e disse a ele que lamentava não tê-lo como P.M.”.

Halifax, apesar de recém-indicado novamente como secretário das Relações Exteriores, era cético quanto a Churchill e à energia selvagem que ele parecia levar para o governo. No sábado, 11 de maio, dia seguinte ao da indicação de Churchill, Halifax escreveu para seu filho: “Espero que Winston não nos leve a nenhuma posição precipitada.”²²

Halifax — cujo apelido para Churchill era “Pooh”, uma referência ao personagem de A. A. Milne, o Ursinho Pooh — reclamou que os novos indicados para o gabinete de Churchill não tinham sofisticação intelectual. Halifax os comparou a “gângsteres”, sendo Churchill o chefe da gangue. “Raramente conheci alguém com lacunas de conhecimento tão estranhas, ou cuja mente trabalhasse mais aos trancos”, escreveu Halifax em seu diário naquele sábado. “Será possível fazer isso funcionar de forma organizada? Muita coisa depende disso.”²³

A indicação de Churchill enfureceu a esposa de um membro do Parlamento, que o comparava a Hermann Göring, o obeso e brutal chefe da Luftwaffe e o segundo homem mais poderoso do Terceiro Reich. “W. C. é realmente a versão inglesa de Göring”, escreveu, “cheio de desejo por sangue, ‘Blitzkrieg’, e entupido de ego e comida, a mesma traição correndo nas veias, pontuada por heroísmo e ar quente”.²⁴

Mas uma civil chamada Nella Last tinha uma opinião diferente, a qual relatou para o Grupo de Observação de Massas, uma organização criada na Grã-Bretanha dois anos antes da guerra, que recrutou centenas de voluntários para manter diários pessoais com o objetivo de ajudar sociólogos a entender melhor a vida cotidiana britânica. Os autores de diários eram incentivados a melhorar suas habilidades de observação descrevendo tudo que havia sobre suas lareiras ou sobre a lareira de seus amigos. Muitos voluntários, como Last, mantiveram diários durante toda a guerra. “Se tivesse que passar toda a minha vida com um homem”, escreveu, “escolheria Chamberlain, mas acho que iria preferir o sr. Churchill se houvesse uma tempestade e eu estivesse em um naufrágio”.²⁵

O público e os aliados de Churchill aplaudiram sua indicação. Uma enxurrada de cartas e telegramas de congratulações chegou à casa do Almirantado. Duas dessas certamente agradaram a Churchill, ambas de mulheres de quem ele era amigo havia muito tempo e que em diferentes momentos podem ter nutrido aspirações românticas. Clementine certamente desconfiava e era vista como reticente no tocante a ambas as mulheres.

“Meu desejo foi realizado”, escreveu Violet Bonham Carter,

filha de H. H. Asquith, o ex-primeiro-ministro morto em 1928. “Posso agora enfrentar tudo que virá com fé e confiança.”²⁶ Ela conhecia bem Churchill e não tinha dúvida de que sua energia e belicosidade transformariam o gabinete. “Sei, como você também sabe, que o vento foi semeado e que *todos* vamos colher a tempestade”, escreveu. “Mas você irá conduzi-la, em vez de ser conduzido por ela. Graças a Deus você está aqui no comando de nosso destino — e que o espírito da nação seja aceso pelo seu.”

A segunda carta era de Venetia Stanley, a mulher que teve um romance epistolar com Asquith.²⁷ “Querido”, Venetia escrevia agora para Churchill, “quero acrescentar minha voz ao grande sentimento de alegria que surgiu em todo o mundo civilizado quando você se tornou primeiro-ministro. Graças a Deus, finalmente”. Ela se alegrava, segundo disse a ele, pelo fato de “você ter tido a chance de salvar todos nós”.

E acrescentou um pós-escrito: “Aliás, como é bom ter o nº 10 mais uma vez ocupado por alguém amado.”

CAPÍTULO 3

Londres e Washington

OS ESTADOS UNIDOS OCUPAVAM BOA PARTE dos pensamentos de Churchill sobre a guerra e seu resultado final. Hitler parecia disposto a esmagar a Europa. Acreditava-se que a Luftwaffe fosse muito maior e mais poderosa que a RAF e seus submarinos e cruzadores rápidos ameaçavam agora severamente o transporte de comida, armas e matéria-prima, vitais para a nação insular. A guerra anterior havia demonstrado como os Estados Unidos podiam ser uma força militar poderosa quando instigados a entrar em ação; agora, só esse país parecia ter os recursos para equilibrar a balança.

A importância dos Estados Unidos para o pensamento estratégico de Churchill ficou clara para seu filho numa manhã logo após a indicação para primeiro-ministro, quando Randolph entrou no quarto do pai na Casa do Almirantado e o encontrou em pé na frente do lavatório e do espelho, fazendo a barba. Randolph estava em casa, de licença do 4º Regimento de Hussardos da Rainha, o antigo regimento de Churchill, no qual Randolph agora servia como oficial.

“Sente-se, meu caro, e leia os jornais enquanto eu termino de me barbear”, disse Churchill ao filho.¹

Depois de alguns momentos, Churchill virou-se para o filho e disse: “Acho que vejo qual é o meu caminho.” E se virou de

novo para o espelho.

Randolph entendeu que seu pai estava falando da guerra. O comentário o assustou, mais tarde se lembraria, pois ele mesmo via poucas chances de o Reino Unido vencer. “Você quer dizer que nós temos como evitar a derrota?” perguntou Randolph. “Ou que podemos vencer os cretinos?”

Ao ouvir isso, Churchill jogou a navalha na pia e girou para encarar o filho. “Claro que quero dizer que podemos derrotá-los”, disse ele.

“Eu torço muito”, disse Randolph, “mas não consigo ver como você vai fazer isso”.

Churchill secou o rosto. “Vou arrastar os Estados Unidos para a guerra.”

* * *

NOS ESTADOS UNIDOS, O PÚBLICO não tinha interesse em ser arrastado para lugar nenhum, muito menos para a guerra na Europa. Essa era uma mudança em relação ao começo do conflito, quando uma pesquisa Gallup registrou que 42% dos americanos disseram que, se nos meses seguintes a França e a Inglaterra pudessem ser derrotadas, os Estados Unidos deveriam declarar guerra contra a Alemanha e enviar tropas; 48% disseram que não. Mas a invasão dos Países Baixos por Hitler mudou drasticamente a opinião do público. Numa pesquisa de maio de 1940, a Gallup descobriu que 93% se opunham a uma declaração de guerra, uma posição conhecida como isolacionismo. O Congresso americano havia anteriormente

codificado essa antipatia em 1935 com a aprovação de uma série de leis, as Leis de Neutralidade, que regulamentavam a exportação de armas e munições e impediam seu transporte em navios americanos para qualquer nação em guerra. Os americanos tinham empatia pela Inglaterra, mas agora questionavam quão estável o Império Britânico era, tendo deposto seu governo no mesmo dia em que Hitler invadiu a Holanda, a Bélgica e Luxemburgo.

Na manhã de sábado, 11 de maio, o presidente Roosevelt convocou uma reunião de gabinete na Casa Branca na qual o primeiro-ministro britânico se tornou tema de discussão. A questão central era se ele poderia, de alguma forma, prevalecer nessa nova guerra expandida. Roosevelt havia trocado comunicados com Churchill inúmeras vezes no passado, enquanto Churchill era primeiro lorde do Almirantado, mas havia mantido essa comunicação em sigilo por medo de inflamar a opinião pública americana. O tom geral da reunião foi de ceticismo.

Entre os presentes estava Harold L. Ickes, secretário do Interior, um conselheiro influente de Roosevelt conhecido por implantar o programa de trabalho social e de reformas financeiras, o New Deal. “Aparentemente”, Ickes disse, “Churchill é pouco confiável sob a influência do álcool”. Ickes ainda avaliou que Churchill era “velho demais”.² De acordo com Frances Perkins, secretário do Trabalho, durante essa reunião, Roosevelt parecia “inseguro” a respeito de Churchill.

Dúvidas sobre o novo primeiro-ministro, principalmente sobre seu consumo de álcool, já haviam sido semeadas bem antes da